

**FORMAÇÃO HISTORIOGRÁFICA DA LITERATURA EM GOIÁS A PARTIR DAS  
CONCEPÇÕES DE CAMPO E SISTEMA LITERÁRIOS****HISTORIOGRAPHIC FORMATION OF LITERATURE IN GOIÁS FROM THE  
CONCEPTIONS OF LITERARY FIELD AND SYSTEM**

Natália Ferreira Santos

Mestranda em Língua, Literatura e Interculturalidade – POSLLI da Universidade  
Estadual de Goiás (UEG), Campus Cora Coralina[natalia.f.s@outlook.com](mailto:natalia.f.s@outlook.com)

15

**Resumo:** Campo e Sistema literários são termos facilmente confundíveis, e, apesar de desenvolverem concepções imprescindíveis sobre a formação literária de determinada sociedade, ambos apresentam especificidades distintas. Diante disso, esse trabalho tem como objetivo discutir o funcionamento desses dois conceitos, avaliando as principais características de ambos, para, assim, dar ênfase na historiografia literária de Goiás. A metodologia adotada nesta pesquisa foi a de revisão bibliográfica, com dados coletados nas obras *As regras da arte*, de Pierre Bourdieu (1992), e *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido (2000). Os resultados mostram que os conceitos de campo e de sistema literários possibilitam uma compreensão mais densa acerca do processo histórico da formação da literatura em Goiás, pois ambos os autores discorrem sobre os principais caminhos para uma sociedade construir uma literatura canonizada, ou seja, uma literatura que permeia o campo e o sistema literários, além de possibilitar, respectivamente, as dicotomias de literatura/subliteratura e manifestações literárias/literatura propriamente dita.

**Palavras-Chave:** Campo Literário. Historiografia literária. Literatura goiana. Sistema literário.

**Abstract:** Literary field and system are easily confused terms, and although they develop essential concepts about the literary formation of a given society, both have different specificities. Therefore, this work aims to discuss the functioning of these two concepts, evaluating the main characteristics of both, in order to emphasize the literary historiography of Goiás. The methodology adopted in this research was that of bibliographic review, with data collected in the works *The rules of art*, by Pierre Bourdieu (1992), and *Formation of Brazilian Literature*, by Antonio Candido (2000). The results show that the concepts of literary field and system enable a deeper understanding of the historical process of literature formation in Goiás, as both authors discuss the main ways for a society to build canonized literature, that is, a literature that permeates the literary field and system, in addition to enabling, respectively, the dichotomies of literature/subliterature and literary manifestations/literature itself.

**Keywords:** Literary Field. Literary historiography. Goiás literature. Literary system.

Os conceitos de Campo Literário, evidenciado por Pierre Bourdieu (1992), e de Sistema Literário, cunhado por Antonio Candido (2000), são termos facilmente confundidos, porém cada um exerce denotações diferentes. Enquanto o sistema literário busca evidenciar como ocorre a tradição literária, o campo literário denota as principais regras para que uma obra seja canonizada e possa se inserir num sistema de circulação. Tais termos são imprescindíveis para o estudo em literatura, essencialmente para se compreender a historiografia literária de determinada sociedade.

Dessa maneira, entende-se que tais conceitos têm corroborado amplamente para a solidificação da literatura produzida no estado de Goiás, além de possibilitar, também, a compreensão das principais fases da literatura goiana, desde suas primeiras manifestações até sua consagração a partir da produção de uma literatura propriamente dita.

Evidenciando a relevância do campo e do sistema literários, esta pesquisa tem como objetivo discutir o funcionamento desses dois conceitos, avaliando as principais especificidades de ambos, para, assim, dar ênfase na historiografia literária de Goiás.

Para a realização deste estudo, principiou-se pelo método de revisão bibliográfica, propondo uma discussão a partir da leitura das obras *As regras da arte*, de Pierre Bourdieu (1992), e *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido (2000).

### **Campo literário segundo Bourdieu**

Pierre Bourdieu foi um sociólogo francês que se dedicou às análises do indivíduo perante a sociedade nas décadas de 1960 e 1970. Este teórico principiou “sua teoria do mundo social” a partir de uma acentuada releitura das contribuições de três influentes sociólogos, sendo eles Max Weber, Karl Marx e Émile Durkheim. Tais sociólogos acreditavam que a sociedade era extrínseca ao indivíduo, ou seja, que há uma oposição entre o indivíduo e a sociedade, contudo Pierre Bourdieu (1992)

### **Building the way**

desenvolveu dois conceitos imprescindíveis para refutar as ideias desses sociólogos a partir das relações sociais, caracterizando-os como *habitus* e *campo*.

*Habitus* se caracteriza como a interseção das práticas e ideologias de um grupo de agentes dentro de determinado *campo*, que por sua vez se configura como o conjunto de organizações em que os agentes ocupam posições que estabelecem as principais normas que regem determinada sociedade, portanto esses dois conceitos se unem e se completam, ou seja, são indissociáveis, sendo assim, Pierre Bourdieu (1992) compreende que o indivíduo vai exercer uma ampla influência na sociedade à qual está inserido, seja para mudá-la ou conservá-la.

Como os conceitos de *habitus* e *campo* são intrínsecos, Pierre Bourdieu sugere, portanto, que é a práxis humana que vai mediar as relações do indivíduo em coletividade, e é por meio dessa práxis que começam a emergir os estudos sociológicos voltados para a teoria literária (FROTA; PASSIANI, 2009).

Na realidade, compreender a gênese social do campo literário, da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que aí se joga, dos interesses e das apostas materiais ou simbólicas que aí se engendram não é oferecer sacrifícios ao prazer de reduzir ou de destruir. [...] É simplesmente olhar as coisas de frente e vê-las como são (BOURDIEU, 1992, p. 15).

A partir do excerto acima, observa-se que compreender o campo literário é entender que a arte deve ser um mecanismo capaz de representar o real por meio dos valores sociais e culturais de uma sociedade, é a partir desse pressuposto que Pierre Bourdieu (1992) fala em autonomia acerca do campo literário a partir do século XIX, tendo contribuição para tal efetivação do conceito os autores franceses Gustave Flaubert e Charles Baudelaire e o pintor, também francês, Édouard Manet, pois estes “transferem a força da criação artística da coisa representada para a própria representação” (COUTINHO, 2003, p. 54).

Dessa forma, compreende-se que ao se adentrar nos estudos dos objetos artísticos é necessário se imbuir num universo regido por crenças, tal qual é a sociedade em si, que se fecundou a partir da dicotomia sacro e profano. Nesse panorama, Pierre Bourdieu (1983, p. 162) afirma que:

[...] a sociologia e a arte não fazem um bom par. Isto vale para a arte e para os artistas que não suportam tudo aquilo que ameaça a ideia

### **Building the way**

que eles têm de si mesmos: o universo da arte é um universo da crença [...] e a irrupção do sociólogo que quer compreender, explicar, tornar compreensível, causa escândalo. Desencantamento, reducionismo, numa só palavra, grosseria ou, o que dá no mesmo, sacrilégio.

18

O que se evidencia é que a realidade se edifica, no mundo artístico, a partir de representações, e que é o imaginário poético que sustenta a compreensão de um período e de um campo social (BRITO, 2008). O conceito de campo literário tem subsidiado as principais teorias que abrangem discussões no campo da Estética da Recepção e da Sociologia da Literatura, tendo Pierre Bourdieu colaborado amplamente com a efetivação de uma literatura universal, pois o campo literário se caracteriza enquanto um espaço constituído por literatos das mais variadas ramificações (poetas, contistas, cronistas, romancistas, dramaturgos) e que desempenham relações entre si e com o campo do poder, buscando, necessariamente, a legitimação desses autores e a inserção das obras na sociedade, obras essas que têm autonomia de permanecerem vigentes mesmo após um longo período de sua escrita, uma vez que tais autores, pertencentes ao campo literário, procuram mecanismos para que a obra literária seja capaz de ultrapassar as dimensões histórico/sociais (ANDRADE, 2017).

Compreender o sentido de Campo Literário não se caracteriza como uma tarefa simples, pois o próprio termo apresenta limitação, sendo que este está estritamente interligado entre as relações de poder presentes na sociedade, entender que o campo literário se harmoniza com o campo do poder é compreender que existem especificidades que determinam o que é ou não literário, ou seja, quais obras e autores permeiam esse campo (ANDRADE, 2017).

Outra problemática evidenciada ao se estudar a teoria do campo literário está em uma das afirmações de Pierre Bourdieu, ou melhor dizendo, uma negação de base, onde o sociólogo principia sua sociologia da instituição literária relatando que não existe uma definição universal para escritor, logo entende-se que não há também uma definição absoluta que exprima o que é o substantivo “literatura” e o adjetivo “literário” (COUTINHO, 2003).

Com as considerações elencadas por Pierre Bourdieu (1983) acerca de campo literário, surgiram incessantes problemáticas envolvendo a definição de

### **Building the way**

literatura, como também diversas respostas, ainda vagas, para o termo. A manifestação iminente dessa questão desencadeou diversos debates, pois, o campo literário busca evidenciar, como já mencionado, o que é ou não literatura e quais obras e autores compõem esse campo.

Dentre esses debates, aponta-se a instigante perspectiva de Antoine Compagnon (2012, p. 30), que traz os seguintes questionamentos que concernem ao conceito de campo e sua busca de separação daquilo que é ou não literatura:

Qual é esse campo? Essa categoria, esse objeto? Qual é a sua 'diferença específica'? Qual a sua natureza? Qual é a sua função? Qual é a sua extensão? Qual é a sua compreensão? É necessário definir literatura para definir o estudo literário, mas qualquer definição de literatura não se torna o enunciado de uma norma extraliterária? Nas livrarias britânicas encontra-se, de um lado, a estante Literatura e, de outro, a estante Ficção, de um lado, livros para a escola e, de outro, livros para o lazer, como se a Literatura fosse a ficção entediante, e a Ficção, a literatura divertida. Seria possível ultrapassar essa classificação comercial e prática?

Apesar da problemática proveniente das teorias de Pierre Bourdieu, Jonathan Culler (1999) afirma que essa distinção entre o que é ou não literatura não exprime tanta importância no ramo de crítica literária, dizendo que:

Primeiramente, como a própria teoria mescla ideias vindas da filosofia, linguística, história, teoria política e psicanálise, por que os teóricos se preocupariam se os textos que estão lendo são literários ou não? Para os estudantes e professores de literatura hoje, há uma gama inteira de projetos críticos, tópicos para ler e sobre os quais escrever – tais como 'imagens de mulheres no início do século XX' – em que você pode lidar tanto com as obras literárias quanto com as não literárias. Você pode estudar os romances de Virgínia Woolf ou as histórias de caso de Freud ou ambos, e a distinção não parece metodologicamente crucial. Isso não significa que todos os textos são de algum modo iguais: alguns textos são considerados mais ricos, mais vigorosos, mais exemplares, mais contestadores, mais centrais, por uma razão ou outra. Mas tanto as obras literárias quanto as não-literárias podem ser estudadas juntas e de modos semelhantes. Em segundo lugar, a distinção não parece central porque as obras de teoria descobriram o que é mais simplesmente chamado de a 'literariedade' dos fenômenos não literários. Qualidades muitas vezes pensadas como sendo literárias demonstram ser cruciais também para os discursos e práticas não-literários. (CULLER, 1999, p. 26-7)

### **Building the way**

O excerto acima apresenta uma acentuada discrepância, pois ao mesmo tempo em que Jonathan Culler (1999) afirma que a questão acerca do que vem a ser literatura não apresenta tanta relevância para a teoria literária e que ambos os textos, literário e não literário, devem ser estudados, o autor deixa clara a busca de se evidenciar a literariedade mesmo em textos não literários, ou seja, há uma busca de fatores específicos em uma obra para se analisar em crítica literária, especificidades que são elencadas no campo literário de Pierre Bourdieu.

20

Partindo dessa premissa, Jonathan Culler (1999, p. 29) traz outra reflexão: “a literatura é o que quer que uma dada sociedade trate como literatura – um conjunto de textos que os árbitros culturais reconhecem como pertencentes à literatura”. Entende-se, dessa maneira, que a literatura, assim como denomina Antonio Candido (2000) se caracteriza a partir de escritores que sabem a importância do seu papel, leitores e um mercado de circulação das obras. Sendo assim, é evidente que o campo literário não se dissocia do campo do poder.

Fazendo a associação entre campo literário e campo do poder, Fernanda Maria Abreu Coutinho (2003) unifica a escrita a um fator de negociação, e que, segundo a autora, esse fato pode originar certa estranheza aos que veem o estereótipo romantizado do fazer literário, onde, em síntese, esse estereótipo é imbuído, do que chama Fernanda Maria Abreu Coutinho (2003), de ‘caprichos da imaginação’. Nessa perspectiva, o campo literário funciona como um mecanismo de relações entre escritor, leitores e o mercado de circulação das obras. Essa engrenagem literária vai sofrer influência do campo do poder, que irá pressupor quais obras apresentar-se-ão com uma boa ou má recepção e quais terão influência atemporal no sistema literário ou perder-se-ão em uma circulação efêmera.

Apesar do campo literário apresentar algumas limitações, ou restrições, por conta de suas especificidades, Pierre Bourdieu (1983) ressalta que o campo pode ser visto como uma luta por parte dos autores para se adentrar nessa esfera, onde a hierarquia pode ser destruída – à medida em que novos autores se inserem nesse campo –, porém as regras do jogo – toda a engrenagem literária que a obra perpassa para se eternizar na sociedade – devem permanecer incólumes. Destarte, essa luta, além de buscar uma dominação pelo campo, provoca também uma reconstrução contínua:

[...] a oposição entre direita e a esquerda, entre a retaguarda e a vanguarda, o consagrado e o herético, a ortodoxia e a heterodoxia, muda constantemente o conteúdo substancial, mas permanece estruturalmente idêntica. Os recém-chegados só podem destituir os antigos porque a lei implícita do campo é a distinção, em todos os sentidos do termo: a última diferença (BOURDIEU, 1983, p. 157).

Diante disso, evidencia-se que apesar de o campo literário parecer fechado em relação às especificidades, ou regras da arte, para eternizar as obras e ser apto para compor esse campo, percebe-se que ao mesmo tempo esse se abre para reinventar-se ao longo dos anos, possibilitando mudanças, mudanças essas que dizem respeito às transições incessantes que perpassam a sociedade, uma vez que é evidente que para se manter um campo literário vigente é necessário que seus integrantes sigam o percurso do campo social.

Essa luta para se adentrar no campo literário fomenta a eminência do valor que esse campo exerce na sociedade literária, ou seja, um valor simbólico, pois todo e qualquer campo representa um ambiente restrito, onde um grupo de indivíduos procurar-se-á atuar de maneira dominadora em relação aos subordinados que também permeiam esse campo. Ressalta-se que essa busca por reconhecimento ocorre pelo fato de que os que não permeiam esse campo se caracterizam como excluídos (DANTAS, 2009). Diante disso, Pierre Bourdieu (1992, p. 244) enfatiza que campo literário:

[...] é o lugar de lutas entre detentores de poderes (ou de espécies de capital) diferentes que, como as lutas simbólicas entre os artistas e os 'burgueses' do século XIX, têm por aposta a transformação ou a conservação do valor relativo das diferentes espécies de capital que determina, ele próprio, a cada momento, as forças suscetíveis de ser lançadas nessas lutas.

É a partir desse excerto que se faz imprescindível, dentro da ótica do campo literário, observar as relações entre escritores e editores enquanto produtores literários, estudar essa díade se faz tão relevante quanto a análise da obra em si, uma vez que são esses agentes que influenciarão na escolha das estéticas mais preponderantes de determinado período (DANTAS, 2009).

### **Building the way**

Com base nessa reflexão, a consagração é outro conceito que vai exercer grande influência nas ações realizadas dentro desse campo. A consagração surge a partir das regras impostas por intelectuais e críticos, que ditarão o que tem ou não valor e, por conseguinte, quais autores e obras poderão ser consagrados e legitimados dentro desse campo.

O escritor, para se legitimar e consagrar no campo literário, precisa se atentar, além de escrever e vender, com o seu posicionamento dentro do campo em questão. A trajetória da consagração de um escritor é, em sua maioria, árdua. Escrever, publicar um livro e se consagrar no campo literário demanda relações profícuas com outros escritos, já consagrados, e com o mercado editorial, configurando assim o que nessa pesquisa evidenciou-se como relações de poder, pois é tal relação que vai definir “quem é quem” e qual escritor pode compor o campo literário ou permanecer nos subcampos, ou seja, campos compostos por escritores não consagrados.

Para compreender como se inicia o processo de formação do campo literário brasileiro, e mais adiante o campo literário goiano, é importante fazer um paralelo com a teoria de Antonio Candido (2000), onde em sua obra *Formação da Literatura Brasileira*, lança um dos mais importantes conceitos, sendo ele o de Sistema Literário, pois a partir desse termo conseguir-se-á compreender como a literatura brasileira começa a emergir os primeiros sentidos de uma nação.

### **Formação do sistema literário em Goiás**

O conceito de *sistema literário* foi desenvolvido por Antonio Candido em sua obra *Formação da Literatura Brasileira*. Publicada, originalmente em 1959, essa obra representa um marco fundamental para a literatura brasileira, trazendo discussões acerca do direito inalienável ao acesso da literatura pela nação brasileira, além de sistematizar dois conceitos imprescindíveis, sendo eles *manifestações literárias* e *literatura propriamente dita*.

A gênese do sistema literário representa a instituição de uma literatura verdadeiramente brasileira, além de situar os principais passos que a obra percorre

### **Building the way**

nesse sistema. Destarte, Antonio Candido traz as seguintes reflexões acerca dessa temática:

23

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de *decisivos* os momentos estudados, convém principiar distinguindo *manifestações literárias*, de *literatura* propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase. Estes denominadores são, além das características internas, (línguas, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes realidades (2000, p. 23, grifos do autor).

Essa engrenagem de conjunto de produtores, conjunto de receptores e mecanismo transmissor desencadeia uma das principais essencialidades da fecundação do sistema literário brasileiro: a tradição literária. Tal transmissão é compreendida como um legado aos homens e mulheres, e sem esta tradição não há literatura “como um fenômeno de civilização” (CANDIDO, 2000, p. 24).

Compreender a importância da tradição viabiliza a percepção do cerne das pesquisas de Antonio Candido (2000), sintetizando que somente há literatura no Brasil a partir do Arcadismo brasileiro, sendo as publicações precedentes apenas manifestações literárias. Essa consideração se evidencia, pois é somente a partir do Arcadismo que incidem autores que buscam a constituição de uma formação literária. Os árcades manifestaram a vontade de fazer literatura brasileira, sendo considerados por seus sucessores os fundadores de uma tradição imbuída de estilos, temas, estéticas e delegações.

A formação do sistema literário de Goiás levou um período mais extenso para se formar, tendo nas primeiras décadas do século XX representações literárias ainda rasas. O atraso do desenvolvimento literário goiano sofre grande influência do

### **Building the way**

fato de que o estado em questão não se encontrava no eixo Rio/São Paulo, onde as primeiras manifestações modernistas surgiram (SILVA, 2008).

À medida em que esses dois estados (principais esferas de circulação de bens simbólicos do país na época) ampliava a força da modernidade em suas representações artísticas, chegando à terceira fase do Modernismo, o estado de Goiás ainda caminhava lentamente para se adentrar nesse período (TELES, 1964).

Outro fator que também influenciou no atraso da efetivação de um sistema literário goiano foi a pouca valorização por parte da política, a qual se importava apenas com a exploração geográfica, deixando em segundo plano as necessidades intelectuais e culturais do povo goiano. As manifestações literárias existentes no estado antes do século XX se caracterizavam apenas como obras anônimas que se limitavam a relatar o folclore regional (QUALHATO; PAGANINI, 2011).

Esse cenário político vai sofrer alteração no momento em que José Xavier de Almeida assume o governo do estado em 1901, oferecendo uma esfera aprazível para a intensificação gradativa da poesia, jornalismo e alguns ensaios críticos (ALMEIDA, 1985).

É a partir da transferência da capital da cidade de Goiás para Goiânia, em 1937, que a literatura goiana consegue transcender, ainda que de maneira acanhada, sua circulação para além da esfera de relação entre escritores e poetas. Compreende-se que os novos ares da modernidade, proporcionados pela transferência da capital goiana, possibilitou o início, ainda que de maneira gradativa, de um sistema literário (CAMARGO; GUIMARÃES; ROSA, 2018).

Os escritores tiveram um papel imprescindível para a edificação desse sistema literário, pois esses tiveram uma consciência da importância da crítica literária para a imposição das obras goianas atingirem alcance nacional. Autores como Bernardo Élis, Gabriel Nascente e Drcy França Denófrio começaram a analisar obras de outros escritores, proporcionando uma vasta contribuição para a circulação das obras e da criação do sistema literário goiano (CAMARGO; GUIMARÃES; ROSA, 2018).

Nesta perspectiva, reitera-se que a crítica literária realizada pelos próprios escritores mostrava a necessidade de se explorar a obra. Apesar desses primeiros textos críticos não apresentarem um embasamento teórico denso e necessário ao se

### **Building the way**

analisar uma obra, esses conseguiram projetar a literatura goiana no círculo dos bens simbólicos, fornecendo um público leitor e lançando as obras na sociedade.

25

Nesse período, dois fatos relevantes contribuíram para promover a circulação das obras e, conseqüentemente, para suscitar a demanda por sua leitura crítica, porque fomentaram as condições de publicação e veiculação da literatura goiana. O primeiro é a transferência da Escola de Aprendizes Artífices para a nova capital e sua transformação em Escola Técnica de Goiânia (ETG) em 1942. [...] O segundo fato é a fundação da Universidade Federal de Goiás na década de 1960, com dois eventos fundamentais: a criação da Imprensa Universitária, responsável também por publicações hoje históricas, e do curso de Letras, que abriu possibilidade de estudos acadêmicos sobre literatura (CAMARGO; GUIMARÃES; ROSA, 2018, p. 2).

Com o excerto acima, é possível destacar que os dois momentos descritos pelos autores foram decisivos para a solidificação do sistema literário goiano, pois com a instituição do curso de Letras surgiram novos horizontes para a circulação das obras e da formação de novos críticos literários, além da imprensa servir como um influente mecanismo de vinculação da literatura goiana no mercado de bens simbólicos da sociedade.

Gilberto Mendonça Teles, escritor e poeta goiano, exerceu uma forte influência na instituição de uma historiografia literária em Goiás, com sua obra *A poesia em Goiás*, publicado em 1964. A obra pode ser considerada a pioneira no gênero histórico-crítico em Goiás, pois, até o momento de sua publicação não havia alguma que abordasse esta temática. A partir do lançamento desse livro, novos horizontes se abriram para a constituição mais ampla da historiografia literária goiana.

Os jornais e os prefácios, comentando a qualidade das obras produzidas em Goiás, muito induziram nesse processo historiográfico, como também auxiliaram na sintetização mais profícua de discussões acerca da literatura goiana, produzindo, assim, um acentuado espaço na sociedade para a literatura, introduzindo-a nos meios de circulação e garantindo maior acesso do conteúdo à população goiana.

A crítica literária e esses meios de circulação subsidiaram um dos princípios para a formação do sistema literário goiano: a tradição literária, conceito, excessivamente, discutido por Pierre Bourdieu (1983) no campo literário e por Antonio Candido (2000), destarte, observa-se que tal tradição é responsável pela continuidade

### **Building the way**

literária de dada sociedade. Para Antonio Candido (2000, p. 24) é normal não se encontrar essa tradição nas fases iniciais pela imaturidade da formação do grupo em elaborar estéticas próprias, fazendo com que as obras, quando muito, signifiquem “apenas seu esboço”. A tradição é o cerne para se distinguir quais obras pairam no sistema literário e quais sucumbem no tempo, significando apenas meras manifestações. Os meios de circulação das obras em Goiás, aqui já descritos, representaram mecanismos influenciadores nessa separação literária e na instituição do cânone, pois as obras que não exerciam adequabilidade crítica historiográfica configuravam-se apenas como manifestações da época.

Muitos foram os que contribuíram significativamente para a instituição da historiografia literária de Goiás, dentre eles destaca-se professores universitários que produziram uma vasta publicação de obras críticas, monografias orientadas por esses professores analisando autores goianos, dissertações e teses voltadas para a literatura goiana, fazendo com que essa literatura “não caia no desconhecimento, tenha apreciação crítica e seja objeto de mediação necessária com o leitor” (CAMARGO; GUIMARÃES; ROSA, 2018, p. 8).

Gilberto Mendonça Teles destaca-se de forma abrangente nos estudos de poesia goiana. Sua obra foi, e ainda é, tão significante para a historiografia literária goiana que foi a partir dela que se adquiriu maior alcance de receptores, além de fornecer um amadurecimento das obras poéticas produzidas, tornando esse gênero o mais produtivo de Goiás.

A obra de Gilberto Mendonça Teles (1964) é dividida visando os principais acontecimentos historiográficos do estado, bem como suas principais contribuições para a literatura goiana. *A poesia em Goiás* evidencia os percursos literários de 1726 até 1960. No primeiro período destacado, sendo de 1726 a 1830, o autor vai relatar os percalços literários da época, onde a sociedade vai se preocupar apenas com as questões extrativistas, sem nenhum respaldo às questões intelectuais e culturais, com isso poucos eram os que se enveredavam no âmbito literário.

Já o período de 1830 a 1903 é demarcado pelo autor como um momento de “primitivas raízes de uma literatura mais vinculada a Goiás” (TELES, 1964, p. 47), sendo fator contribuinte a fundação da Academia de Direito. A criação do jornal *Matutina Meia-Pontense* (1830) e do jornal *Província de Goiás* (1869) também

### **Building the way**

influenciaram significativamente para o despertar, ainda que acanhado, de uma divulgação das primeiras produções poéticas.

No período de 1903 a 1930, Gilberto Mendonça Teles chama atenção para a expansão dos meios de divulgação literária, com a criação de jornais em outras cidades, tais quais Silvânia, Catalão, Luziânia e Jataí. Entre 1930 e 1942 destaca-se a influência da Revolução de 1930 na construção de Goiânia e na transição literária influenciada pelo Pré-Modernismo. No intervalo entre 1942 a 1955, o escritor ressalta a importância da consolidação da nova capital de Goiás, fornecendo novos horizontes culturais, sociais e políticos, além de corroborar com a extensão da divulgação de novos poetas e para uma maior produção literária.

O último período retratado na obra, sendo o de 1955 até os primeiros anos da década de 1960, que era a modernidade do momento da escrita de Gilberto Mendonça Teles, o autor evidencia a importância da construção de Brasília para o desenvolvimento econômico de Goiás, bem como a relevância de novas instituições de ensino e de novos mecanismos divulgadores para a ampliação do sistema literário de Goiás.

O que se evidencia na obra em questão é a importância dos principais acontecimentos dos dados períodos para a construção de uma tradição literária e, conseqüentemente, para a presença de um sistema literário em Goiás (CAMARGO; GUIMARÃES; ROSA, 2018). Após a publicação da obra de Gilberto Mendonça Teles houve uma expansão significativa da literatura goiana, tanto por parte de novas obras literárias quanto por parte das escritas cada vez mais relevantes da crítica literária. Destaca-se, dessa forma, a importância que da obra *Dicionário do escritor goiano*, de autoria de José Mendonça Teles, publicado em 2000, para a divulgações dos poetas já canonizados e dos que possivelmente podem ser canonizados no sistema literário.

Neste livro, José Mendonça Teles esboça resenhas de diversos escritores, contendo as principais informações bibliográficas e as produções destes escritores. Destarte, é possível afirmar que essa obra “constitui não só uma rica fonte de consulta rápida, mas também uma entrada para a leitura dos livros dos escritores referenciados” (CAMARGO; GUIMARÃES; ROSA, 2018, p. 16). Outra contribuição expressiva para a divulgação da literatura goiana é a *internet*, que tem servido como

### **Building the way**

elemento fundamental no século XXI para o acesso mais expressivo às críticas literárias e às obras em questão.

Adentrando nos percursos literários da poesia produzida em Goiás a partir de 1960, do momento apontado por Gilberto Mendonça Teles, destaca-se a importância da Rede Goiana de Pesquisa em Literatura e Ensino de Poesia, cujo Projeto Representações da poesia goiana de 1948 aos dias atuais busca fazer um levantamento das obras e poetas que se inseriram no campo literário goiano nas últimas décadas, e, enfim, propiciar aos pesquisadores um entendimento mais profícuo dos autores que sintetizam o sistema literário goiano. O projeto apresenta a contribuição da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), do Instituto Federal de Goiás (IFG) e dos *Campi* da Universidade Estadual de Goiás (UEG), especialmente, de São Luís de Montes Belos, Porangatu, Pires do Rio e da cidade de Goiás. A união destas instituições tem fornecido diversificadas reuniões de artigos, publicados em livros, cujo intuito é analisar poetas, dos mais variados períodos, responsáveis pela efetivação de um sistema literário goiano.

### **Considerações finais**

Compreender as regras que determinam o funcionamento da engrenagem do campo literário, bem como os postulados básicos para a solidificação da literatura enquanto um sistema, são os primeiros passos para entender a gênese da literatura de uma sociedade.

Ao longo desse trabalho, foi possível perceber que os estudos propostos por Pierre Bourdieu e Antonio Candido permitem o conhecimento historiográfico da literatura produzida no estado goiano, pois ambos os autores discorrem sobre os principais caminhos para uma sociedade construir uma literatura canonizada, ou seja, uma literatura que permeia o campo e o sistema literários, além de possibilitar, respectivamente, as dicotomias de literatura/subliteratura e manifestações literárias/literatura propriamente dita.

Saber quando o estado goiano deixa de produzir apenas subliteratura ou manifestações literárias se faz imprescindível para entender, não só o funcionamento da literatura, mas também o funcionamento dessa sociedade por intermédio de suas

### **Building the way**

principais transições e avanços. Nessa perspectiva, se faz possível concluir que os objetivos propostos por este trabalho promovem à comunidade acadêmica e social análises iniciais para um estudo historiográfico.

### **Referências**

ALMEIDA, Nelly Alves de. *Estudos sobre quatro regionalistas*. 2. ed. Goiânia: Editora UFG, 1985.

ANDRADE, Mario Lousada de. Campo Literário em Convergência: Problemas dos limites e das definições da arte literária no contexto convergencial. In: *Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 11, n. 1, p. 218-238, 2017.

BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRITO, Clovis Carvalho. Entre Românticos e Modernos: Pierre Bourdieu e a teoria sociológica do Campo Literário. In: *Ciências Sociais em Perspectiva*, v. 7, n. 12, p. 107-118, 2008.

CAMARGO, Goiandira Ortiz de; GUIMARÃES, Leandro Bernardo; ROSA, Oliver Mariano Rosa. Presença da Historiografia Literária em Goiás. In: SANTOS, Giovana Bleyer Ferreira dos; CAMARGO, Goiandira Ortiz de; BUARQUE, Jamesson (Org.). *Considerações sobre a poesia goiana*. Goiânia: Câne Editorial, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 2000.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

COUTINHO, Fernanda Maria Abreu. Pierre Bourdieu e a Gênese do Campo Literário. In: *Revista de Letras*, v. 1, n. 25, p. 53-59, 2003.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: Uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Ltda., 1999.

DANTAS, Larissa de Araújo. *Espaços de Visibilidade: Trajetórias possíveis no Campo Literário brasileiro*. 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FROTA, Wander Nunes; PASSIANI, Enio. Entre Caminhos e Fronteiras: A gênese do conceito de “campo literário” em Pierre Bourdieu e sua recepção no Brasil. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 1, n. 34, p. 11-41, 2009.

**Building the way**

QUALHATO, Adriana Magalhães; PAGANINI, Vera Lúcia Alves Mendes. A importância da literatura goiana na formação do licenciando em Letras. In: *ANAIS - I seminário sobre docência universitária*, 12 de março de 2011, Universidade Estadual de Goiás – UnU – Inhumas, 2011.

SILVA, Geraldo Rosa da. Cora Coralina e a tradição literária em Goiás. In: *Linguagem – Estudos e Pesquisas*, v. 12, n. 1, p. 69-86, 2008.

TELES, Gilberto Mendonça. *A poesia em Goiás: Estudos goianos I*. Goiânia: Editora UFG, 1964.